

# **DO CAMPO PARA A CIDADE E DA CIDADE PARA O CAMPO**

*Valmor da Silva*

## **Resumo**

*O artigo discute algumas teorias sobre a relação entre campo e cidade, ou espaço urbano e espaço rural. A partir da realidade do Centro-Oeste brasileiro, especificamente do Estado de Goiás, ilustra as diferenças entre rural e urbano, e a necessidade de superar as dicotomias existentes. A partir de alguns dados do Antigo Testamento, desenvolve primeiro a visão contrária à cidade, a partir, sobretudo, da realidade da Monarquia, e em seguida a visão positiva com relação à realidade citadina. A partir de alguns dados do Novo Testamento, apresenta o Jesus camponês da Galileia e o Cristianismo inserido no ambiente urbano.*

**Palavras-chave:** *Campo. Cidade. Conflito campo X cidade.*

## **Abstract**

*This article discusses some theories about the relation between field and city, or between urban and rural spaces. From the central-western Brazil reality, specifically the state of Goiás, it illustrates the differences between rural and urban areas, and the need to overcome the existing dichotomies. From some Old Testament data, it develops in first place the view contrary to the city, in particular from the reality of monarchy, and then a positive view regarding the city reality. From some New Testament data, it presents the peasant Jesus of Galilee and Christianity inserted in the urban environment.*

**Keywords:** *Field. City. Conflict field x city.*

A motivação inicial deste artigo veio do convite para uma jornada de assessoria sobre linguagem do campo e linguagem da cidade. A reflexão foi partilhada com pessoas que assessoram encontros bíblicos, no Estado de Goiás, na perspectiva da leitura popular da Bíblia, feita pelo CEBI<sup>1</sup>.

Aquele dia foi marcado por uma comunhão especial com o biblista Milton Schwantes. Os seus textos avivavam a nossa memória, exatamente onze dias após

1. CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) dispensa apresentações para biblistas do Brasil. Para conhecer sua metodologia, atividades e publicações, visite o site [www.cebi.org.br](http://www.cebi.org.br)

ele ter passado por aquela experiência em que “a gente não morre, fica encantado”, no dizer de Guimarães Rosa. Ao Milton biblista, profeta, pastor, orientador, escritor, amigo, é dedicado este texto. Ao querido Milton, nossa gratidão<sup>2</sup>.

Este texto mantém o seu caráter didático, em vista da discussão dialética do assunto. Propõe repensar a relação entre campo e cidade, ou entre espaço rural e espaço urbano. Tal relação acontece no interior de cada pessoa, e transparece mais explicitamente nas relações sociais. Trata-se de uma relação dual, dificilmente pacífica, em geral conflitiva, dialética ou ambígua. No dizer do poeta Carlos Drummond de Andrade, “no elevador penso na roça, na roça penso no elevador”.

No contexto da América Latina, e particularmente no Brasil, a relação entre campo e cidade tem sido conflitiva, ao longo da história. A mesma ótica conflitiva tem marcado a leitura de textos bíblicos relativos ao assunto. Entende-se que a mesma ótica marcou a história do povo de Israel, como se pode constatar ao longo da Bíblia Hebraica. Marcou, em outras proporções, o início do Cristianismo, conforme os relatos do Novo Testamento. E continuou marcando, de maneiras diversas, – para além da abrangência deste artigo – toda a história da humanidade. Por essa ótica, a cidade impõe sua lógica sobre o campo, explora e gera a opressão. O campo concebe novo espaço de convivência, em vista de propostas alternativas para a sociedade. Inumeráveis publicações situam-se nesta perspectiva<sup>3</sup>.

Razões existem para justificar essa leitura conflitual, e por certo são muitas. Não menos razões existem para questionar essa mesma leitura. O convite é para entrar na discussão<sup>4</sup>.

## 1. Espaço urbano e espaço rural na realidade atual

### 1.1 Alguns dados a partir de Goiás

A perspectiva desta reflexão é a cidade de Goiânia, centro-oeste do Brasil, capital central do país. Na capital está a sede dos poderes constituídos, há fortes aparatos de segurança, os serviços de saúde são referência mundial, as escolas e universidades servem de modelo para as demais regiões, as opções de lazer se multiplicam, as

2. Milton Schwantes faleceu em 1º de março de 2012. Em várias publicações ele expôs os fundamentos do conflito entre campo e cidade na Bíblia, especificamente no contexto do Antigo Testamento. Pode-se conferir, a título de exemplo: SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origens*. 3ª edição, São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 34-48; SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno (visões em Amós 7-9). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1990.

3. A título de exemplo, pode-se conferir: REIMER, Haroldo. Ruína e organização. O conflito campo-cidade em Miqueias. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 26, p. 99-109, 1997; RUBEUX, Francisco. A lei do hérém: o campo contra a cidade. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 19, p. 18-25, 1988; WOLFF, Günter. A fé em Javé no Campo e na Cidade. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 36, p. 16-23, 1992.

4. Sobre a leitura conflitual: SANTOS, Israel Serique dos; FERREIRA, Joel Antonio. O modelo conflitual de análise dos textos sagrados. *Ciberteologia*, São Paulo, ano 7, n. 35, p. 24-32. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/06/Artigo3.pdf> – Acesso em 18/05/2012.

praças e avenidas lançam sombras agradáveis às pessoas que passam. Mas a capital concentra os esquemas de corrupção, ameaça com violência e insegurança, exhibe filas de doentes à espera de atendimento, concentra marginalização e criminalidade, exhibe sujeira e desleixo.

Ao redor estão as cidades satélites, dependentes da capital, Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Trindade e outras. Logo ao norte localiza-se Anápolis, centro tecnológico referencial. Mais longe, situam-se cidades com vocação turística, Cidade de Goiás, Pirinópolis e Caldas Novas. Outras tantas cidades guardam características rurais, como Inhumas, Guapó e tantas outras<sup>5</sup>.

Mais distante, a perder de vista, domina a realidade rural, não menos ambígua e contraditória. A base da economia do Estado é a agropecuária. Cresce, aos poucos, a agroindústria. Chega também o agronegócio. Os canaviais avançam por sobre as plantações de soja. Por todo o espaço, as grandes fazendas substituem a paisagem magnífica pelo desenho linear de traços monótonos. A destruição ambiental do cerrado é uma realidade incontrolável. Na roça, como na cidade, as relações sociais são ambíguas. Faz enorme diferença a realidade do fazendeiro, do peão ou do sem terra<sup>6</sup>. Carlos Rodrigues Brandão realizou uma análise do campesinato goiano, focado, sobretudo, na produção de alimentos, a partir de pesquisa feita em Mossâmedes, entre 1975 e 1976. Na introdução, distingue toda a terminologia, e define lavrador (não proprietário), fazendeiro (proprietário ou dono), camponês (pequeno proprietário), lavrador urbanizado e agregado<sup>7</sup>.

A história pessoal de quem analisa esta realidade é a de quem “sai da roça, mas a roça não sai dele”, retrato da história de tantas pessoas dos tempos atuais. O mesmo retrato reproduz a realidade camponesa do continente, explorado pelos interesses nacionais, a serviço do capital internacional.

O êxodo rural é outra marca do Brasil, e particularmente de Goiás, que caracteriza o movimento migratório em massa, do campo para a cidade. A análise desse rápido processo de urbanização possui inúmeros estudos<sup>8</sup>.

Um panorama geral sobre a realidade recente de Goiás permite verificar que o Estado passou, nas últimas décadas, de uma realidade 70% agrícola para se transformar em 70% agrícola.

Dados do último censo confirmam o processo de urbanização ainda mais acelerado no Estado.

5. Para informações mais completas, [www.cidadesdegoias.com.br](http://www.cidadesdegoias.com.br) – Acesso em 03.05.2012.

6. Para uma análise sobre a realidade camponesa de Goiás, pode-se consultar: SILVA, Ruscênia Luiza Batista Rodrigues da. *Sobre o camponês do sertão: produção do espaço e identidade camponesa em assentamentos do município de Goiás*. Presidente Prudente: UNESP, 2003. Dissertação de Mestrado em Geografia. Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/nera/ltid/rusvenia.pdf> – Acesso em 05/05/2012.

7. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981, p. 7, nota 1.

8. A título de exemplo, pode-se consultar: SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Sobre o êxodo rural em Goiás, continua crescendo devido à forma da exploração da atividade agropecuária. “Hoje não se tem a mão de obra com o pessoal morando nas fazendas. Mesmo quem trabalha em serviços de agropecuária, mora na cidade e se desloca de moto ou carro para trabalhar na fazenda e retorna para dormir na cidade”, destaca o chefe do IBGE em Goiás (Daniel Ribeiro de Oliveira). Com isso estamos chegando a 90% da taxa de urbanização no Estado de Goiás<sup>9</sup>.

Significa que a população abandona massivamente o campo. O espaço é modificado, com novas formas de ocupação. Há novo conceito de território. Os problemas daí decorrentes são bem conhecidos, com aumento do latifúndio no campo e da favelização no entorno das cidades.

### 1.2 Vencer a dicotomia entre rural e urbano

As figuras ideais de caipiras, representados pelo Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e pelo Chico Bento, de Maurício de Souza, vão se diluindo na realidade nacional.

O advento da modernidade, com suas inovações constantes, invade de maneira indiscriminada o campo e a cidade. Não há como se livrar das influências da televisão, bem como dos meios mais modernos como computador, internet e telefone celular. Graças a esses e outros meios, a cidade invade o campo e o campo perpassa a cidade.

Milton Santos já propôs “Brasil urbano e Brasil agrícola e não apenas Brasil urbano e Brasil rural”. O país, segundo ele, pode ser dividido em dois grandes subtipos, denominados *espaços agrícolas* e *espaços urbanos*, ou *regiões agrícolas* e *regiões urbanas*. A razão é que “hoje, as regiões agrícolas (e não rurais) contêm cidades; as regiões urbanas contêm atividades rurais”<sup>10</sup>.

Inúmeros estudos analisam essa integração entre os dois mundos, os espaços agrícolas e os espaços urbanos<sup>11</sup>.

Para Diane Belusso, que estudou a complexidade de relações entre agrícola e urbano, a partir da realidade do Oeste paranaense, “a melhoria da qualidade de vida, seja no campo ou na cidade, supõe o fim da dicotomia rural-urbano”<sup>12</sup>.

9. LOUIZE, Izadora. IBGE divulga dados do censo Brasil 2010. Disponível em <http://www.portal730.com.br/gols/119-cidades/19498-ibge-divulga-dados-do-censo-brasil-2010.html> – Acesso em 05/05/2012.

10. SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*, p. 65.

11. Como estudo exemplar, pode-se conferir: SPÓSITO, Maria Beltrão Encarnação e WHITAKER, Artur Magon (orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006 (Coleção Geografia em Movimento).

12. BELUSSO, Diane. Relação cidade-campo e desenvolvimento rural. Disponível em [http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/belusso\\_d.pdf](http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/ivengrup/pdf/belusso_d.pdf) p.12 – Acesso em 05/05/2012.

Dentre os melhores espaços de conexão entre o rural e o urbano situa-se, exatamente, a religião, pois ela possibilita a vivência de valores rurais, como a necessidade de agrupar-se em comunidade, em meio à massa competitiva do mundo citadino<sup>13</sup>.

### 1.3 Mas as diferenças permanecem

Há diferenças marcantes entre o campo e a cidade. Algumas podem ser assinaladas como intransponíveis. Seguem-se alguns exemplos<sup>14</sup>.

O tempo tem contagem diferente no campo e na cidade. O primeiro é mais lento, o segundo é mais rápido. Não há dúvida que o ritmo de vida e, portanto, a passagem do tempo, tem diferente andamento numa e noutra realidade. Enquanto o campo segue o ritmo da natureza, do nascer ao pôr do sol, a cidade é marcada pela pressa e pelo compromisso cronológico marcado pelo relógio.

O espaço também tem conceituação diferente, quer no espaço urbano, quer no espaço agrícola. Há diferenças de paisagem e de território. Enquanto na roça é espaço ligado à terra e à natureza, a cidade é traçada pela tecnologia industrial. A diferença mais marcante é, certamente, a densidade demográfica, pois quanto maior a cidade, mais aglomeração de pessoas e, portanto, maior proximidade de convivência. O chamado planejamento urbano dificilmente se traduz para o planejamento rural.

As relações sociais também diferem. No campo, em geral, ainda predomina a organização familiar; já na cidade a estrutura social é mais organizada por outras relações, que passam pelo emprego, pela escola, pelo clube ou por outros tipos de associação.

O modo de produção muda substancialmente, se visto na perspectiva do campo ou da cidade. Embora a economia mundial tenha passado do sistema agrário para o industrial, o campo ainda é marcado pela agricultura de produção de alimentos. A força de produção ainda é, frequentemente, o trabalho braçal, com pouca intervenção da máquina. Essa distinção na relação de trabalho e na força de produção faz com que ainda o campo possa ser visto como servidor da cidade. A cidade facilita o acesso aos bens, como comércio, saúde, transporte, mercado de trabalho e outros.

A cultura camponesa difere, naturalmente, da cultura urbana. Enquanto a cidade favorece o anonimato, no campo o controle social é muito maior. O campo é visto ainda como conservador da tradição, enquanto a cidade adere mais facilmente à modernidade. Isso é caracterizado pela maneira de vestir, caricaturada no caipira remendado e no galã engravatado, ou no vestido xadrez e na minissaia.

13. Para o desenvolvimento deste tema, veja: LEMOS, Carolina Teles. A religião como espaço de conexão entre o rural e o urbano: os valores indivíduo e comunidade em interação. *Caminhos*. Goiânia, v. 2, n. 1, p. 71-86. 2004.

14. Estudos recentes relativizam as diferenças entre realidade urbana e realidade rural, mas não deixam de acentuá-las. Para uma revisão bibliográfica abrangente, pode-se conferir: BISPO, Cláudia Luiz de Souza; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Relações entre urbano/rural e cidade/campo: o distrito de Pires Belo no município de Catalão (GO). Disponível em <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/CL%20LUIZ%20LUIZ%20DE%20SOUZA%20BISPO.pdf> – Acesso em 03/05/2012.

A linguagem é talvez um dos aspectos externos mais marcantes das diferenças entre o campo e a cidade. Praticamente todas as línguas exibem essa variante entre linguagem urbana e linguagem rural<sup>15</sup>.

## 2. Campo e cidade no Antigo Testamento

### 2.1 Alguns dados bíblicos

Praticamente toda a história de Israel pode ser lida através da perspectiva do conflito entre campo e cidade, conforme os textos do Antigo Testamento. A luta pela conquista da terra marca um lado dessa história. A outra face é marcada pela adesão ou rejeição ao sistema monárquico citadino. Ao folhear a Bíblia, com atenção a essa realidade, inúmeros dados saltam aos olhos. Seguem-se alguns deles, a modo de ilustração<sup>16</sup>.

Caim, que era camponês, foi o pai de Henoc, construtor de cidade. O nome da cidade é também Henoc, palavra que significa “dedicação” (Gn 4,17).

A tábua das nações classifica os povos por afinidades étnicas, geográficas, históricas e linguísticas (Gn 10,1-32).

Após o hiato do dilúvio, são reconhecidas as fundações das grandes cidades, do império mesopotâmico, onde viviam os patriarcas (Gn 10,10-12).

O relato da torre de Babel quer explicar a diversidade das línguas (Gn 11,1-9).

A posse da terra é assegurada pela promessa (Gn 12,1-3) e confirmada pela aliança de Deus com seu povo (Js 24,25-28) e recordada continuamente (Dt 4,1-3; 6,10-13; 8,6-11).

Abraão intercede pelas cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 18,17-33).

As cidades de Sodoma e Gomorra são destruídas por esquecerem o ideal tribal (Gn 19,1-29).

No Egito, os hebreus constroem para o faraó as cidades de Pitom e Ramsés (Ex 1,8-14).

O código da aliança, que inclui o decálogo, com legislação sobre escravos, animais e pastagens, retrata a realidade de um povo sedentário, habitando terras agricultáveis (Ex 19-24).

A terra é dom de Deus, dada aos seres humanos para dela cuidar (Lv 25,23; cf. Dt 10,14; Sl 24,1-2; Is 42,5; Ez 33,24 etc.).

15. Exemplos específicos de fenômenos que particularizam o dialeto caipira podem ser conferidos em: LINHARES, Andrey Aparecido Caetano. Linguagem e identidade cultural caipira no município de Mossâmedes: por uma nova concepção acerca da linguagem caipira. Em *Revista da UFG – Tema Brasil Rural*. Goiânia, ano VII, n. 1, junho de 2005, p. 1-6. Disponível em [http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/agro/T34\\_linguagem.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/T34_linguagem.html) – Acesso em 03/05/2012.

16. A ordem das referências segue o cânon judaico helenístico, que inclui os livros deuteroacanônicos, conforme a Bíblia de Jerusalém e outras edições de “Bíblia Católica”.

O relatório dos emissários de Moisés, para explorar a terra de Canaã, constata a presença de cidades grandes e fortificadas (Nm 13,28).

A terra passou a ser herança sagrada em Israel, verdadeira lei de Deus, garantida por uma espécie de reforma agrária que assegura a sua justa posse (Nm 26,52-56; cf. Dt 31,7; Js 13,7; Sl 16,6 etc.).

A conquista das cidades representa a entrada na terra prometida (Dt 3,1-7; 20,10-18). Essa conquista tematiza o livro de Josué, com a tomada de Jericó (Js 6,1-21), de Hai e das demais cidades, na sequência do livro.

As cidades refúgio evitam possíveis injustiças em casos de violência extrema (Dt 19,1-10; cf. Ex 21,13-14; Nm 35,9-34; Js 20,1-9).

O livro de Rute recorda, com saudades, leis dos tempos tribais, como a respiga pelos campos, o resgate de parentes e o casamento com o cunhado.

A opção política de Israel pelo sistema da monarquia é atribuída à cidade, como expressa a advertência sobre os direitos do rei (1Sm 8,10-22).

A construção do templo, por Salomão, é cercada de polêmica nos textos bíblicos (2Sm 7,1-17).

A reforma de Josias é uma tentativa de concentrar todos os poderes em torno ao templo e à cidade de Jerusalém (2Rs 23,4-20).

O exílio se caracteriza pela destruição da capital Jerusalém, assim como a retomada da nação se concentra na reconstrução da cidade e do Templo (Ne 2,11-18).

Tobias, no livro homônimo, se movimenta entre Nínive, sua cidade, e Ecbátana, cidade do parente Ragüel, com recordações de Jerusalém.

Judite derrota Betúlia, cidade símbolo da hostilidade aos judeus, e termina com a ação de graças na capital Jerusalém.

Ester derrota Amã, no ambiente citadino da Pérsia, para instituir a festa de Purim a todo Israel.

Os livros intitulados Macabeus refletem intrigas em torno ao processo de helenização dos costumes judaicos.

Diversos Salmos exaltam Sião ou Jerusalém, cidade na qual Deus habita (Sl 48; 87; 122; 132,13-14).

O Cântico dos Cânticos é protagonizado por dois jovens enamorados que se buscam em meio à natureza, num ambiente idílico e pastoril.

Os Profetas criticam a depravação das cidades (Is 3,16-26; 5,8-14; Am 4,1-3; Mq 6,9-15; Hab 2,12 etc.).

Os profetas exaltam Jerusalém como a cidade de Davi (Is 30,29; 51,9-11; 52,1; Mq 4,1-5).

Lamentações apresenta variações sobre o mesmo tema da Jerusalém destruída.

A profecia de Ezequiel se move com frequência sobre a capital Jerusalém e sobre as cidades das nações vizinhas.

Daniel é ambientado nos palácios de Nínive.

Joel profetiza por ocasião de uma praga de gafanhotos.

Em Jonas, a grande cidade de Nínive se converte.

Naum fala contra Nínive e ironiza a queda da grande cidade.

Sofonias profere imprecações contra Jerusalém (Sf 3,1-5).

Ageu apresenta a glória do Templo, e em Zacarias brilha o esplendor de Jerusalém (Zc 14).

Em Malaquias o dia do Senhor, sobre Israel e sua cidade santa, cairá como um dia de julgamento e justiça.

## 2.2 Para a cidade, não

Há na Bíblia uma ideologia contrária à cidade, por causa da associação entre monarquia e cidade, sendo vista a cidade monárquica como traição do ideal de Israel tribal. Cidade, em Israel, é associada a palácio, templo, impostos e monarquia<sup>17</sup>.

Reconhecidamente, a cidade produz civilização, mas ela sobrevive da exploração do campo. Se por um lado ela domina o campo, por outro torna-se dependente da produção que suga dele.

Tem sido comum a visão interpretativa teológica, que vê a cidade como fonte de pecado, violência, corrupção, paganismo e imoralidade. A cidade é objeto da compaixão divina, com seu plano redentor para resgatá-la da maldade<sup>18</sup>.

Não há um conceito preciso de cidade, no Antigo Testamento, pois a palavra cidade (*'îr*) traduz diversas grandezas referentes a agrupamentos humanos. O termo cidade pode ser aplicado a aldeias tribais, a vilarejos rurais ou a verdadeiros centros urbanos, sendo usado cerca de 1090 vezes na Bíblia Hebraica. O seu sinônimo em aramaico é *qiryā*, também atestada na Bíblia (9 X em Esd 4,10-21). Os sinônimos para cidade, *qeret* e *qiryā*, são usados igualmente em hebraico, com menos ocorrência e mais restritos à poesia. Normalmente há conflitos de poder entre cidade (*'îr*) e aldeia (*hatser*) ou filhas (*banôti*). As diversas aldeias ou filhas giram na dependência da cidade que as explora. Cidade (*'îr*) era normalmente murada (*'îr homa*), com portas ou portões de entrada. Pode-se pensar em qualquer tipo de fortaleza ou fortificação. A aldeia ou povoado (*hatser*) era uma área cercada como proteção contra

17. Seguimos a análise que se concentra sobre o período de Salomão: ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A importância da cidade para a realeza. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 36, p. 9-15, 1992.

18. Dentre tantos, veja o artigo exemplar: CROOK, Andrew. *The city in the Bible: a relational perspective*. Cambridge: Jubilee Centre, 1997, p. 1-32. Disponível em <http://www.jubilee-centre.org/uploaded/files/City%20in%20the%20Bible.pdf>



inimigos e animais. A LXX traduz *'ir* por *pólis*, mas essa concepção grega é diferente, porque tem conotação política, enquanto a cidade, em Israel, era apenas lugar de proteção<sup>19</sup>.

A monarquia de Israel, à imitação das demais monarquias circunvizinhas, reforça a imagem do rei, como referência do poder, ligado a Deus, à religião ou ao sagrado. O rei chega a ser o representante direto de Deus. Além de espoliar a produção do campo, a monarquia, no caso, vai prender a divindade Yhwh dentro dos muros do palácio. Basta lembrar que, para palácio e templo (*heikal*), a língua hebraica não possui dois sinônimos, mas uma mesma palavra<sup>20</sup>.

Dentre os mecanismos que a cidade utiliza para explorar o campo, destacam-se o tributo e a corveia. O mecanismo central do conflito é, de fato, o tributo. O tributo consiste no pagamento de um imposto em produtos, feito pelos camponeses à cidade. Consiste também em trabalhos forçados, convocados compulsoriamente e conhecidos como corveia. A cidade cobrava uma porcentagem sobre colheitas, animais, artesanato e outros produtos, avançando, com frequência, sobre o estritamente necessário para a sobrevivência das famílias. O pagamento do tributo era assegurado através do exército, que controlava o cumprimento da lei, e através da religião, que legitimava essa prática por meio dos sacerdotes e profetas do templo<sup>21</sup>.

### 2.3 Para a cidade, *sim*

Quaisquer que sejam as hipóteses interpretativas sobre a formação de Israel, um dado comumente aceito é a passagem do nomadismo para a agricultura e da agricultura para a urbanização<sup>22</sup>. O nomadismo se caracteriza pelo pastoreio, com o sistema de organização tribal, e com a habitação em tendas. A agricultura marca a vida sedentária, morando em casas, com a posse da terra prometida por Deus. A urbanização prevê a integração nos grandes centros urbanos, com fortificações, de acordo com o modelo social das potências da época<sup>23</sup>.

19. Informações sobre o conceito de cidade em: SCHULTZ, Carl. *'ir* cidade. In: HARRIS, R. Laird; GLEASON, L. Archer; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1110-1. Também em: HULST, A.R. *'ir* Ciudad. In: JENNI, E. WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Tradução de Rufino Godoy. Madrid: Cristiandad, 1985. V. II. Col. 346-351.

20. Confira: ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A importância da cidade para a realeza... p. 11.

21. Veja: REIMER, Haroldo. Ruína e organização... p. 108.

22. Para compreender melhor a passagem da tenda à casa, da casa à aldeia e da aldeia à cidade, veja: KILPP, Nelson. O ideal da casa própria no Antigo Testamento. VÁRIOS. *Eu faço a cidade e não moro*: reflexões bíblicas sobre moradia. São Leopoldo: CEBI, 1993 (A Palavra na Vida, 63), p. 23-31.

23. Para uma apresentação das principais teorias sobre a origem de Israel, pode-se consultar: SILVA, Airton José da. Israel, Canaã transformado? Disponível em [http://www.airtonjo.com/historia\\_israel02.htm](http://www.airtonjo.com/historia_israel02.htm) – Acesso em 10/05/2012. Do mesmo autor: SILVA, Airton José da. As origens dos antigos estados israelitas. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 78, p. 18-31, 2003.

A história da humanidade começa justamente com a vida agrícola e pastoril. Pouco a pouco as pessoas foram se agrupando em aldeias agrícolas. Na Mesopotâmia, por volta de 3.500 aC, apareceram os primeiros centros urbanos. Os agrupamentos se deram às margens dos rios Tigre e Eufrates, e em torno à produção agrícola. Razões de segurança, posteriormente, levaram esses povos a formar comunidades fechadas e fortificadas<sup>24</sup>. Decorrem, daí, outras vantagens, como a especialização do trabalho, o desenvolvimento do artesanato, a exploração de recursos naturais, o intercâmbio de bens, a organização política<sup>25</sup>.

Logo, no Egito, ao longo do rio Nilo, o mesmo movimento foi aplicado, com esforço comunitário nas obras de irrigação, mobilização do poderio militar, concentração do poder nas mãos do rei, convergência de esforços para grandes construções, convergência da vida cultural em torno ao templo, aperfeiçoamento das letras e das artes.

A Mesopotâmia e o Egito apresentam duas estruturas políticas diferenciadas.

A Mesopotâmia se organizou em cidades-estados, isto é, cidades independentes, fortificadas, cada qual com sua própria autonomia. Isso se deve, provavelmente, à instabilidade geográfica, causada pelas grandes bacias dos rios Tigre e Eufrates. Já o Egito se organizou como unidade política nacional. O fato se explica também geograficamente, devido à estabilidade do rio Nilo.

A região de Canaã se organizou, originalmente, em cidades-estados, seguindo o modelo da Mesopotâmia. Documentos históricos registram a existência e o funcionamento de muitas dessas cidades. Seus governantes eram denominados reis de Israel e exerciam o poder em dependência do faraó do Egito. Entretanto, cada cidade estado mantinha a sua relativa autonomia.

A formação de Israel, descrita como conquista da terra de Canaã, se explica justamente pela queda dessas cidades-estados. Com a derrota das cidades fortificadas, foi derrotado também o sistema de soberania política. A origem de Israel está ligada, portanto, à imposição do modelo tribal, como descrito na proposta conhecida como sistema dos juízes<sup>26</sup>.

Mas Israel, como as demais civilizações da humanidade, não resistiu à atração das cidades. O próprio Deus, por sinal, coloca à disposição do povo as cidades gran-

24. A história revela que na origem de tudo esteve o cemitério, pois “a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”, depois veio a caverna, como habitação e local das artes, depois o templo como ponto de encontro cerimonial, em seguida a aldeia como agrupamento humano e finalmente a transformação urbana, com o início da cidade, mas esta história ultrapassa os objetivos deste artigo e pode ser conferida no livro de referência: MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Tradução de Neil R. da Silva. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

25. O desenvolvimento deste parágrafo, bem como dos seguintes, segue a apresentação do artigo “Cidade”: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 167-169.

26. Trata-se da tese amplamente divulgada no Brasil, originalmente apresentada por: GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto*. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986.

des que eles não edificaram (Dt 6,10). Por isso, ao juízo negativo a partir da ótica da monarquia, é necessário opor uma avaliação positiva dos dados bíblicos sobre a cidade. A primeira cidade, fundada por Henoc (Gn 4,17), pode ser avaliada como um lugar seguro para proteção dos nômades. No episódio da torre de Babel não é a construção da cidade em si que se considera pecaminosa. Se os profetas criticam as cidades, o fazem com fundamento religioso. Se rechaçam a cultura urbana, é porque o fazem a partir de preconceitos agrários e em defesa do tribalismo. Se condenam as muralhas fortificadas, não é por rejeitarem a cidade, mas sim por criticar a confiança que se coloca sobre os muros. “Uma avaliação tão negativa da cidade é unilateral e não faz justiça ao testemunho do Antigo Testamento”<sup>27</sup>.

### 3. Campo e cidade no Novo Testamento

#### 3.1 Alguns dados do Novo Testamento

O Novo Testamento se insere no contexto do Império Romano, com a assimilação da ideologia helenista. A integração ao contexto da *pax romana*, proclamada como uma era de paz e prosperidade, lança a religião judaica e, por consequência, o cristianismo, numa realidade bem diferente daquela do Antigo Testamento. A oposição entre o campo e a cidade permanece, com a exploração do campo, a cobrança de impostos, o controle militar, mas a vida das comunidades cristãs se integra forçosamente aos espaços urbanos.

Os quatro evangelhos possuem relação com centros urbanos.

Mateus reflete a realidade do judeu-cristianismo da Síria. Conforme Mt 4,23-25 (cf. 9,35, percorria cidades e povoados), Jesus está na Galileia e sua fama se difunde por várias cidades, pela Síria, Galileia, Decápole, Jerusalém, Judeia, Transjordânia.

Marcos é considerado o Evangelho da Galileia, relido posteriormente em Roma. Em Mc 8,27-30, Pedro proclama Jesus como messias, sendo que a passagem marca o centro do Evangelho. Teríamos um conflito entre a metade anterior, o Evangelho da Galileia, e a posterior, com Jesus a caminho da cidade de Jerusalém.

As obras Lucas e Atos também têm a ver com a Síria, principalmente com a grande cidade de Antioquia. At 11,19-26 narra a fundação da Igreja de Antioquia, onde, pela primeira vez, os seguidores de Jesus são chamados de cristãos.

A obra joanina, tanto o evangelho quanto as cartas e Apocalipse, situam-se no contexto de Éfeso e cidades vizinhas da Ásia Menor. E Ap 21,9-14, praticamente a última página de toda a Bíblia, apresenta justamente a nova cidade, a Jerusalém messiânica. Apocalipse, por sinal, é o livro bíblico mais relacionado com a cidade. Basta lembrar as sete cartas dirigidas às sete igrejas ou cidades, e as referências a Babilônia e Jerusalém, símbolos extremos da maldade e da bênção.

27. HULST, A.R. 'ir Ciudad. In: JENNI, E. WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Tradução de Rufino Godoy. Madrid: Cristiandad, 1985. V. II, Col. 350. Para uma visão dialética sobre a cidade, na ótica bíblica, pode-se consultar: COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 22-64.

As cartas paulinas são todas relacionadas com ambiente urbano, dado que as cidades formaram o chão da evangelização do apóstolo.

Romanos é dirigida à capital do Império. Em Rm 1,8-15 Paulo expressa claramente, aos cidadãos de Roma, a intenção de visitar a capital do Império.

Coríntios dirige-se a outro grande centro urbano e comercial. Em 1Cor 9,24-27 temos as clássicas metáforas cidadinas do estádio e do pugilato.

Gálatas talvez faça exceção, juntamente com Pedro, porque se dirige a comunidades interioranas, de regiões da Ásia Menor, menos atendidas pelo poder romano. Mesmo assim, não deixam de se relacionar com centros urbanos como Éfeso e mesmo com a capital do Império.

Éfeso é um centro comercial e intelectual. Ef 6,1-9 reflete o ambiente da família patriarcal, na sociedade romana estável.

Filipos centraliza grande colônia romana. Em Fp 4,10-20, Paulo agradece o auxílio dos filipenses.

Colossos era colônia romana da Ásia Menor, vivia da indústria têxtil, localizada no vale do rio Lico, a cerca de 200km de Éfeso, próxima a Hierápolis e Laodiceia. O cristianismo floresceu rapidamente nessa região (Cl 1,6; cf. Ap 3,14-22).

Tessalônica era grande cidade portuária. Em 1Ts 2,1-12 constata-se a inserção de Paulo na cidade.

1Timóteo dirige-se ao líder da comunidade de Éfeso e reflete o ambiente da metrópole.

Tito é endereçada a uma comunidade bem estabelecida na ilha de Creta.

Filêmon é personagem importante em Colossos (Cl 4,9.17) e reúne uma igreja em sua casa (Fm 1-2).

Em Hebreus e nas demais cartas é mais difícil explicitar a contextualização social.

### 3.2 *Jesus camponês*

A avaliação dos dados não permite, no espaço deste artigo, desenvolver merecidamente o assunto, a não ser por um breve esboço.

Jesus é, reconhecidamente, um camponês da Galileia<sup>28</sup>. O ambiente em que ele se move é a região da Galileia das nações, região desde muito abandonada pelos poderes constituídos, explorada economicamente e difamada do ponto de vista cultural. A linguagem de Jesus, conforme transparece nos Evangelhos, é típica do mundo rural. Suas parábolas exploram situações do dia a dia da lida com arado, semeadura e colheita. As imagens tiradas do campo são exemplificadas com chuva e sol, pássaros

28. Veja: CROSSAN, John Dominic. *Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

e flores. A sua mensagem de fraternidade gira em torno aos problemas cotidianos da sobrevivência, principalmente o pão, a saúde e a casa<sup>29</sup>.

### 3.3 Cristianismo urbano

Embora Jesus tenha os pés na roça, o cristianismo nasceu com rosto urbano. Basta lembrar a figura do apóstolo Paulo, com suas imagens sobre construção, atividade esportiva nos estádios e corpo social. Sua atividade incansável se concentrou, claramente, nos maiores centros urbanos da época<sup>30</sup>.

Há quem avance a hipótese segundo a qual o movimento de Jesus já havia incursionado entre os helenistas e teria entrado nas cidades antes das missões de Paulo, visto que Jesus visitou Tiro, Séforis e Tiberíades<sup>31</sup>.

A partir das conquistas de Alexandre Magno, sobretudo, o ambiente cultural helenista se impôs de maneira avassaladora. Dentre as consequências da helenização do Oriente está o rápido processo de urbanização<sup>32</sup>.

O cristianismo se inseriu rapidamente no mundo urbano. A própria palavra Igreja (*ekklesia*, da raiz *ek-kaleo*, usada para convocar o exército, significa, originalmente, “a assembleia popular dos cidadãos efetivos e competentes da *polis* ‘cidade’”<sup>33</sup>). Embora evitasse a sua identificação com as demais instituições do ambiente social em que se inseriu, o cristianismo, de fato, se nutriu fartamente do ambiente urbano<sup>34</sup>.

O modelo de cidade politizado, com participação popular, em forma de cidade-estado é invenção grega. Daí o conceito de política associado a cidadania e, portanto, a participação na vida da *polis* ou cidade. Daí também decorre o conceito de democracia enquanto participação do povo no poder. Provêm deste modelo social conceitos como vida do cidadão, direitos do cidadão, participação no estado, condição de cidadania, política civil, dentre outros<sup>35</sup>.

29. A busca pelo Jesus histórico e por seu ambiente vital está amplamente popularizada no Brasil. A título de exemplo: AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA. *Jesus, sua terra, seu povo, sua proposta*. Rio de Janeiro: ACO, 1988. Sobre a preocupação de Jesus com a saúde do povo: SCHIAVO, Luís e SILVA, Valmor da. *Jesus, milagreiro e exorcista*. 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2002.

30. Veja: MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. Tradução de I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

31. Confira: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Os primeiros cristãos e o mundo urbano. A importância da cidade no surgimento das comunidades cristãs. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo (org.). *Culturas e cristianismos*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 29-40.

32. Veja: KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, Volume 1: história, cultura e religião do período helenístico. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005, p. 75-81.

33. COENEN, L. Igreja, Sinagoga. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, V. I, p. 984.

34. Para uma visão mais aprofundada: STAMBAUGH, John E. e BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 127-153.

35. Confira: BIETENHARD, H. polis “cidade”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. V. II. p. 1744-1748.

A proposta feita por Jesus, do Reino de Deus, rural, pobre, fraterno e participativo, se traduziu rapidamente na Igreja, urbana, inserida, cidadã e incluyente.

### **A modo de conclusão**

Além do conflito entre campo e cidade, a Bíblia estampa um conflito entre cidade e cidade, talvez mais acentuado que o primeiro. O ápice desse conflito se dá entre Jerusalém e Babilônia, que aparecem como paradigmas dos dois modelos de cidade, a cidade da salvação e a outra da perdição.

Mas a própria cidade da salvação, Jerusalém, é ambígua e dialética. Existe a Jerusalém terrestre e a Jerusalém celeste. Jerusalém é denominada, por um lado, cidade do nada (Is 24,7-13), fortaleza dos orgulhosos (25,2; 26,5), e, por outro, cidade forte, refúgio do povo de Deus, constituído pelos humildes (26,1-6). Na mesma cidade se manifestam os dois aspectos, de juízo e salvação como a ambiguidade da própria civilização urbana. Contudo o final da Bíblia acentua o aspecto positivo da nova Jerusalém que desce do céu (Ap 21), em contraste com a queda da nova Babilônia (Ap 17,1-7; 18; 19,2)<sup>36</sup>.

Nessa nova Jerusalém está o sentido da cidade e a superação dos conflitos, seja entre o campo e a cidade, seja entre cidade pagã e cidade cristã. A nova Jerusalém permite o fim da dialética e resgata o sentido da própria cidade, como lugar da convivência humana e de reconciliação com o mundo, de acordo com o plano original da criação. Como conclui Comblin: “Só a cidade poderá, pois, expressar o mistério da reconciliação total e da síntese de todas as contradições”<sup>37</sup>.

Como postura prática, a discussão sobre o tema sugere, sempre, manter o olhar crítico, diante da realidade dual e ambígua. Tanto a análise da realidade quanto a leitura do texto bíblico provocam uma atitude atenta, para evitar posturas unilaterais.

Talvez esteja aí o convite para integrar os dois espaços, o agrícola e o urbano. Afinal, os perigos e ameaças não são exclusividade da roça nem da cidade, assim como os valores e vantagens não são privilégio do mundo rural nem do metropolitano. O bom uso da tecnologia e dos avanços da modernidade será bem-vindo na colônia como na urbe.

O ponto central da crítica é o poder. Este pode construir inclusão no campo, como na cidade. Pode também produzir marginalização tanto num como noutro espaço. Cidade é para a cidadania, campo também deve ser.

36. Confira: GRELOT, Pierre. Cidade. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Tradução de Simão Voigt. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984. Col. 147-149. Outra visão do conflito, a partir dos três Isaías, analisa o contraste entre uma e outra Jerusalém: ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Jerusalém na tradição isaianica. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 36, 1992, p. 24-36.

37. COMBLIN, José. *Teologia da cidade...* p. 110.